

O PAPEL DAS BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO NA COMPETITIVIDADE DAS NAÇÕES

THE ROLE OF GOOD MANAGEMENT PRACTICES IN THE NATION'S COMPETITIVENESS

Rafael Ricardo Jacomossi 1

Alcides Barrichello 2

Rogério Scabim Morano 3

Paulo Roberto Feldmann 4

Pós-Doutor pela FEA / USP em Economia das Organizações; Doutor em Administração (FEI-ESAN); Mestre em Desenvolvimento Regional (FURB); Graduado em Ciências Econômicas (FURB) e em Administração de Empresas (Centro Universitário Leonardo da Vinci - Blumenau). Estuda temas que relacionam as dinâmicas organizacionais como, por exemplo, a aprendizagem e a qualidade da gestão com a produção de inovações tradicionais e ambientais com suas repercussões sobre o nível de produtividade das firmas e seus efeitos sobre a capacidade de competir das mesmas.
E-mail: rafaeljacomossi@gmail.com

Doutorado em Administração de Empresas pelo Centro Universitário FEI, área de concentração Gestão da Inovação, linha de pesquisa Estratégias de Mercado e Competitividade. Mestrado em Tecnologia Bioquímica-Farmacêutica / Tecnologia de Alimentos pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas USP. Executive MBA pela Business School São Paulo of International Management com módulo internacional na Rotman School of Management, University of Toronto, Canadá. Graduação em Farmácia e Farmácia e Bioquímica (Modalidade Alimentos) pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas USP. Professor do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: alcidesbarrichel@uol.com.br

Professor Doutor do Departamento de Engenharia Química do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema, Área de Administração e Economia Industrial. Engenheiro de Produção formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Doutor e Mestre em Administração pelo Centro Universitário FEI. Possui MBA em Gestão de TI pela Fundação Getúlio Vargas. Foi Consultor de Empresas e possui experiência em Implantação de Sistemas ERP, Gestão de Projetos, Gestão de Produção, Manutenção Industrial e Logística. Orientação acadêmica voltada à Administração, Economia e Métodos Quantitativos. E-mail: r.morano@uol.com.br

Graduação em Engenharia pela Universidade de São Paulo (1972), Mestrado(1979) e Doutorado (1987) em Administração pela Fundação Getúlio Vargas - SP. Atualmente é Professor Livre Docente do Departamento de Administração da FEA USP e coordenador de projetos da FIA - Fundação Instituto de Administração onde também faz parte do Conselho Curador. Professor visitante de quatro universidades húngaras: Széchenyi University, Corvinus, Miskolc e University of Pécs. Faz parte da Academia de Ciências da Hungria como Membro Pesquisador Internacional. Representa a USP em consórcio com a Universidade Fudan da China. Assessor Científico da FAPESP. Responsável por dois grupos de pesquisa ambos reconhecidos pelo CNPq.
E-mail: feldmann@usp.br

Resumo: Dos fatores apontados pela literatura para explicar a competitividade destacam-se mão de obra barata, matéria prima abundante e capital para investimento e inovação. Além disso, alguns autores apontam a existência de um quinto fator: práticas de gestão das organizações. Desta forma, o objetivo dessa pesquisa foi, por meio de modelagem de equações estruturais e do ranking de competitividade do World Economic Forum (WEF) de 2016, investigar se a existência de práticas de gestão é fator determinante para se alcançar a competitividade do país. As análises realizadas permitiram constatar que a variável Práticas de Gestão se apresenta como um antecedente da competitividade.

Palavras-Chaves: Competitividade das nações; Práticas de gestão; Modelagem de equações estruturais.

Abstract: The factors pointed out in the literature to explain the competitiveness include cheap labor, abundant raw materials and capital availability for investment and innovation. In addition, some authors point to the existence of a fifth factor: the organizational management practices. In that way, the objective of this research was, through the structural equation modeling and the competitiveness ranking of the World Economic Forum (WEF) - 2016, to investigate whether the existence of organizational management practices is a determining factor to achieve the country's competitiveness. The analysis made permits to verify that the variable Management Practices presents itself as another antecedent of the competitiveness.

Keywords: Competitiveness of nations; Management practices; Modeling of structural equations.

Introdução

A tradicional literatura econômica aborda três variáveis que ao se combinarem, explicam o desenvolvimento das nações: mão de obra barata, matéria prima abundante e capital disponível para investimentos. A partir de Schumpeter (1934), uma quarta variável começou também a ser utilizada para a explicação desse fenômeno: inovação. Dessa forma, o paradigma de competitividade no âmbito econômico se baseia atualmente na capacidade dos países e de suas respectivas empresas em inovarem (ICHIJO; NONAKA, 2007; NELSON; WINTER, 1982; SCHUMPETER, 1934).

Para estimular a discussão acerca das condições que determinam o nível de competitividade das nações, a cada dois anos é divulgado o ranking de competitividade por meio do World Economic Forum (SCHWAB et al., 2016), que realiza essa mensuração contemplando em torno de 150 países. Dentre os países que encabeçam a lista figuram nas primeiras colocações desse ranking Suíça (1ª posição), Singapura (2ª), Estados Unidos (3ª), Holanda (4ª), e Alemanha (5ª colocação). Já o Brasil aparece na 81ª posição em critérios gerais de competitividade, enquanto que outros países sul americanos como o Chile e Colômbia são contemplados respectivamente na 33ª e 61ª posições. Apesar de o ranking de competitividade ser construído sobre diversos pilares, como por exemplo, a qualidade da infraestrutura, o ambiente macroeconômico ou institucional, o nível educacional, além de outros, também carrega uma parte importante que mede a inovação nos países.

Algumas explicações para deficientes situações de competitividade se relacionam com a baixa taxa de inovação dos países, mais especificamente medidos pelos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Isto pode ser confirmado por diversos estudos que apontam para a importância da existência do processo de inovação no aumento de competitividade. Porter (1990) afirma que a competitividade é dependente de quão produtiva é uma nação e/ou uma organização.

Nesse sentido, os efeitos de gastos em P&D sobre a produtividade são decorrentes de inovações e da sua incorporação ao processo produtivo (GRILICHES, 1979; MAIRESSE; ROBIN, 2009; PARISI; SCHIANTARELLI; SEMBENELLI, 2006; WAKELIN, 2001; ZHANG et al., 2011). No entanto, melhorias em termos de produtividade, e conseqüentemente, aumentos de competitividade, não se relacionam apenas com atividades decorrentes do esforço inovador (CARVALHO; AVELLAR, 2013; CAVALCANTE; DE NEGRI, 2014; GOEDHUYS, 2007; ROGERS, 2006; STEINGRABER, 2009), sendo que a mudança organizacional, o desenvolvimento dos recursos humanos, a cooperação, e a aquisição de máquinas e equipamentos também possuem um poder explicativo para o fenômeno.

Não obstante, esses padrões não são observados em todos os países. Para Agarwal et al. (2014), Bloom e Van Reenen (2010), e Mundlak (1961), por mais que a hipótese de que as diferenças de produtividade sejam devidas às inovações tecnológicas representadas por patentes ou adaptadas por novas máquinas, há ainda uma outra explicação pouca discutida na literatura para essas variações, sendo elas reflexos de boas práticas de gestão.

A partir do exposto, suscitou-se o seguinte problema de pesquisa: qual o efeito das práticas de gestão sobre os níveis de competitividade das nações?

Como objetivo, essa pesquisa se propôs a investigar, por meio de modelagem de equações estruturais, se a existência de práticas de gestão das empresas é um fator determinante para se alcançar a competitividade do país. Além disso, procurou-se verificar se a relação entre inovação e competitividade, consagrada na literatura, seria confirmada com os dados presentes no relatório do WEF 2016. Para tanto, este artigo conta com capítulos de revisão de literatura, sobre a metodologia utilizada, a apresentação e análise dos resultados obtidos e, por fim, um capítulo dedicado às conclusões.

Revisão da Literatura

Esse capítulo dá sustentação teórica ao trabalho e aborda os temas competitividade das nações, com ênfase na importância da inovação para tal, a relação entre as práticas de gestão das empresas e seus efeitos sobre a competitividade.

a) O contexto da competitividade das nações

A inovação vem sendo destacada como elemento importante para impulsionar o progresso

econômico e a competitividade, tanto para as economias desenvolvidas como para as que se encontram em desenvolvimento e, nesse sentido, muitos governos a estão colocando no centro de suas estratégias de crescimento. Para os mercados emergentes, é algo fundamental já que a celebração dessa prática inspira as próximas gerações de gestores e empreendedores (DUTTA; LANVIN; WUNSCH-VINCENT, 2016).

A literatura clássica de inovação (NELSON; WINTER, 1982; PAVITT, 1984; ROSENBERG, 1982; SCHUMPETER, 1934), evidencia o papel da inovação tecnológica como uma explicação importante para induzir firmas e nações ao crescimento da competitividade e, conseqüentemente, da produção de riqueza material.

Com efeito, essa literatura vem ganhando outros contornos, principalmente no campo microeconômico, contemplando estudos acerca do desenvolvimento das capacidades organizacionais que conduziriam firmas a desenvolverem atividades inovadoras em resposta aos desafios impostos por cenários de mercado cada vez mais turbulentos (CROSSAN; APAYDIN, 2010; ICHIO; NONAKA, 2007; LERNER; AZOULAY, 2012; PANAYIDES, 2006). Nesse processo, o papel das organizações é de extrema importância, pois estas possuem a capacidade de transformar a sua realidade em função das informações recebidas do ambiente, e, assim, podem atuar como agentes de transferência e difusão de inovações e novas tecnologias.

Esses estudos se desenvolvem para situar a importância do papel da inovação em relação à melhoria da performance das firmas. Para Porter (1993), os países serão mais avançados e desenvolvidos na medida em que souberem criar para suas respectivas empresas ambientes de negócios nos quais elas tenham condições de inovar mais depressa que suas rivais estrangeiras. Sob a temática da inovação e sua relação com o desempenho, essa se desdobra em diversos temas.

Um deles, aborda a forma de como as firmas absorvem o conhecimento externo e o adapta para dentro de seus processos, transformando sua estrutura e tendo como resultado, a partir daí, produtos inovadores (ARMSTRONG; LENGNICK-HALL, 2013; BRETTEL; GREVE; FLATTEN, 2011; COHEN; LEVINTHAL, 1990; NAJAFI-TAVANI; SHARIFI; S. ISMAIL, 2014; RITALA; HURMELINNA-LAUKKANEN, 2013; ZAHRA; GEORGE, 2002), sendo tais resultados relacionados com o aumento de sua competitividade. Outros estudos relacionam a importância do papel do investimento em P&D como elemento de difusão de inovações (BAE, 2016; BERTRAND; MOL, 2013; HA; LEE; KIM, 2016), associando-o com a melhoria de desempenho.

Já um terceiro grupo (BLOMSTROM, 1986; BLOMSTROM; KOKKO, 1998; LIU, 2008; SUYANTO; BLOCH; SALIM, 2012; SUYANTO; SALIM, 2013), relaciona o papel dos investimentos estrangeiros de multinacionais em subsidiárias localizadas em outros países, gerando um transbordamento de conhecimento no país que recebe as novas tecnologias, o que aumenta sua produtividade e conseqüentemente, o inseri em taxas maiores de competitividade.

Mais recentemente, Gordon (2016) analisa o crescimento da economia norte-americana nos últimos 140 anos. Tal estudo comprova que não apenas o crescimento está diretamente relacionado com a geração de inovações, mas que o aumento da produtividade nos Estados Unidos teve seu auge no período entre 1940 e 1970 como decorrência do surgimento de um maior número de descobertas e inovações entre essas décadas.

b) O efeito das práticas de gestão na competitividade das nações

Estudos acerca do fenômeno da competitividade têm grande relevância nas áreas de administração e de economia, pois uma nação se torna mais competitiva apenas se melhorar seus índices de produtividade (GORDON, 2016; LEDERMAN et al., 2014; PORTER, 1990). Abramovitz (1950) e Solow (1956), em trabalhos pioneiros sobre a temática, demonstraram que a tradicional combinação eficiente de capital e mão de obra não responderia nem mesmo por dez por cento da explicação do crescimento de economias avançadas, relacionando tal diferença ao aumento da produtividade. Esse crescimento se daria também pelo grau de mudança técnica representada por inovações (NELSON; WINTER, 1982). Mais tarde, segundo Mazzucato (2015), outras explicações também ecoaram, tais como o nível tecnológico, o tamanho das firmas, a origem do capital, o setor em que atuam, o nível de especialização da mão-de-obra, e o envolvimento do Estado na formulação de políticas públicas que beneficiam a busca de inovações e de novas tecnologias

Para Agarwal et al. (2014), Bloom e Van Reenen (2010), e Mundlak (1961), há ainda uma outra

explicação para as diferenças de produtividade, sendo essas decorrentes de práticas de gestão. Um exemplo é dado por historiadores econômicos como Landes (2003), e Chandler e Hikino (1994) que afirmam que a percebida diminuição de competitividade de empresas britânicas e francesas no início do século 20 se deu, possivelmente, pela predominância da gestão familiar, enquanto que nos EUA e Alemanha, que apresentavam melhores índices de atividade empresarial, o comando dos negócios estava nas mãos de profissionais que não possuíam vínculo familiar com os proprietários.

Bloom e Van Reenen (2006) comentam que economistas não se dedicam a investigar práticas de gestão pela própria dificuldade de mensuração desse construto em função de sua subjetividade. Apesar da controvérsia do que se constituem boas práticas de gerenciamento, estudos têm demonstrado que adotar certas práticas levam empresas a melhorar seu desempenho em um campo amplo de setores (ALEXOPOULOS; TOMBE, 2009; CUA; MCKONE; SCHROEDER, 2001; DE CERIO, 2003; HSU et al., 2009; SADIKOGU; ZEHIR, 2010).

Identificando diferenças de padrão de gestão entre os países, Bloom e Van Reenen (2006, 2007, 2010) criaram e aperfeiçoaram um instrumento para medir a qualidade da gestão nas organizações, chamado de Best Management Practices (BMP), aplicando-o inicialmente em 732 empresas manufatureiras nos USA, França, Alemanha e Reino Unido, e num segundo momento em quase 6.000 empresas espalhadas em outros países. Os resultados indicaram que as práticas gerenciais adotadas pelas firmas são fortemente associadas com o nível de produtividade e lucratividade. Outros resultados dessa pesquisa apontaram que práticas gerenciais deficientes são percebidas em mercados onde a competição em determinados setores é fraca, ou ainda quando empresas costumam passar a sucessão na condução dos negócios aos filhos mais velhos (BLOOM; VAN REENEN, 2006, 2007, 2010).

Maloney e Sarrias (2012), pesquisadores do Banco Mundial, aplicaram um estudo similar ao de Bloom e Van Reenen para verificar a influência da gestão na competitividade de 21 países, incluindo quatro da América Latina (Argentina, Brasil, Chile e México). Entre as conclusões importantes está a de que o México é o país latino americano cujas empresas são as melhor geridas e o Brasil apresenta a pior situação. Este estudo foi divulgado pelo Banco Mundial (LEDERMAN et al., 2014)

Metodologia

O banco de dados utilizado na pesquisa foi construído a partir de indicadores apresentados no The Global Competitiveness Report (GCR) 2016-2017 (SCHWAB et al., 2016), relatório desenvolvido pelo WEF, que contém dados de 138 países. Buscou-se identificar neste relatório itens que melhor traduzissem as práticas de gestão das empresas nos diversos países.

O GCR contempla três dimensões que formam um índice global de competitividade. Essas dimensões se dividem em doze pilares, dentre os quais selecionou-se itens relacionados às práticas de gestão das empresas. Do quinto pilar (Educação superior e treinamento) foi extraída a variável Qualidade das escolas de gestão; do sexto pilar (Eficiências dos mercados) foi trazida a variável Sofisticação das atividades de compra; do sétimo pilar (Eficiência do mercado de trabalho) foram extraídas as variáveis Cooperação na relação empregador-empregado, Práticas de admissão e demissão, Remuneração e produtividade, Confiança na gestão profissional; do nono pilar (Prontidão tecnológica) extraiu-se as variáveis Nível de absorção tecnológica das empresas e Investimento estrangeiro direto e transferência de tecnologia; do décimo-primeiro pilar (Sofisticação dos negócios) foram extraídas as variáveis Quantidade de fornecedores locais, Qualidade de fornecedores locais, Sofisticação dos processos de produção e Disposição para delegação de autoridade. Adicionalmente foram considerados o décimo-segundo pilar (Inovação) e o Índice Global de Competitividade para caracterizar as demais variáveis do estudo.

A Tabela 1 apresenta as definições sobre os itens usados para compor a variável Práticas de Gestão. Essas definições foram extraídas do GCR e estão de acordo com os construtos de Rao, Solis, and Raghunathan (1999).

Tabela 1 – Definições conceituais das variáveis usadas

Variável	Definição
Qualidade das escolas de gestão	Como a qualidade das escolas de gestão é avaliada no país.
Sofisticação das atividades de compra	Em que bases as decisões de compra são tomadas pelos compradores no país.
Cooperação na relação empregador-empregado	Como as relações entre empregador-empregado são caracterizadas no país.
Práticas de admissão e demissão	Em que extensão a legislação do país é flexível na contratação e demissão de trabalhadores.
Remuneração e produtividade	Em que medida a remuneração no país está relacionada à produtividade dos funcionários.
Confiança na gestão profissional	Quem ocupa cargos de gerência sênior nas empresas do país (parentes ou amigos sem consideração pelo mérito ou gestores profissionais escolhidos por mérito e qualificações).
Nível de absorção tecnológica das empresas	Em que extensão as empresas do país adotam as mais recentes tecnologias.
Investimento estrangeiro direto, e transferência de tecnologia	Até que ponto o investimento direto estrangeiro (IDE) traz nova tecnologia ao país.
Quantidade de fornecedores locais	Quão numerosos são os fornecedores locais no país.
Qualidade de fornecedores locais	Como a qualidade dos fornecedores locais é avaliada no país.
Sofisticação dos processos de produção	Quão sofisticados são os processos de produção no país.
Disposição para delegação de autoridade	Como a disposição de delegar autoridade aos subordinados é avaliada no país.
Competitividade Global	Conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de uma economia, que por sua vez define o nível de prosperidade que o país pode alcançar.

Fonte: Adaptado de Schwab et al. (2016)

Com base em trabalhos anteriores que tratam da questão da inovação e seus efeitos sobre os níveis de competitividade (NELSON; WINTER, 1982; PAVITT, 1984; PORTER, 1990; ROSENBERG, 1982; SCHUMPETER, 1934), concebeu-se o modelo 1 que relaciona diretamente estas duas variáveis, gerando assim a primeira hipótese deste trabalho. O propósito de se testar a referida hipótese foi confirmar a relação entre Inovação e Competitividade, consagrada na literatura, buscando garantir que os dados extraídos do GCR se prestam a tais análises.

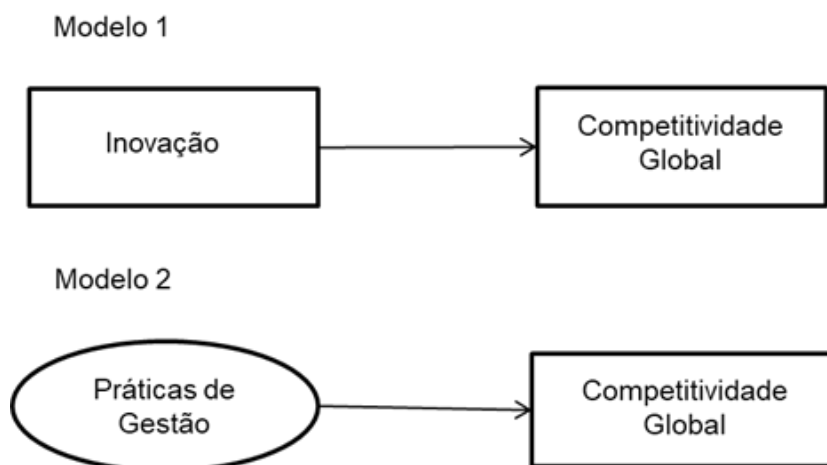
H1: A inovação influencia positivamente a competitividades global.

Segundo Bloom e Van Reenen (2006, 2007, 2010), boas práticas gerenciais também estão associadas à competitividade, o que originou a criação do modelo 2, gerando assim a segunda hipótese deste trabalho.

H2: As práticas de gestão influenciam positivamente a competitividades global.

A figura 1 apresenta os referidos modelos.

Figura 1 – Modelos de relação de Inovação e Práticas de Gestão com Competitividade



Fonte: Elaborado pelos autores

A variável Práticas de Gestão é do tipo latente (BYRNE, 2010) e, portanto, foi submetida a análise fatorial confirmatória. O número de países do banco de dados foi superior ao valor mínimo para se alcançar a relação de cinco registros por item, garantindo significância e representatividade dos dados utilizados para essa variável (BENTLER; CHOU, 1987).

O método quantitativo adotado envolveu análise fatorial confirmatória e modelagem de equações estruturais, sendo todos os cálculos realizados por meio do software IBM SPSS Amos® 22.0.

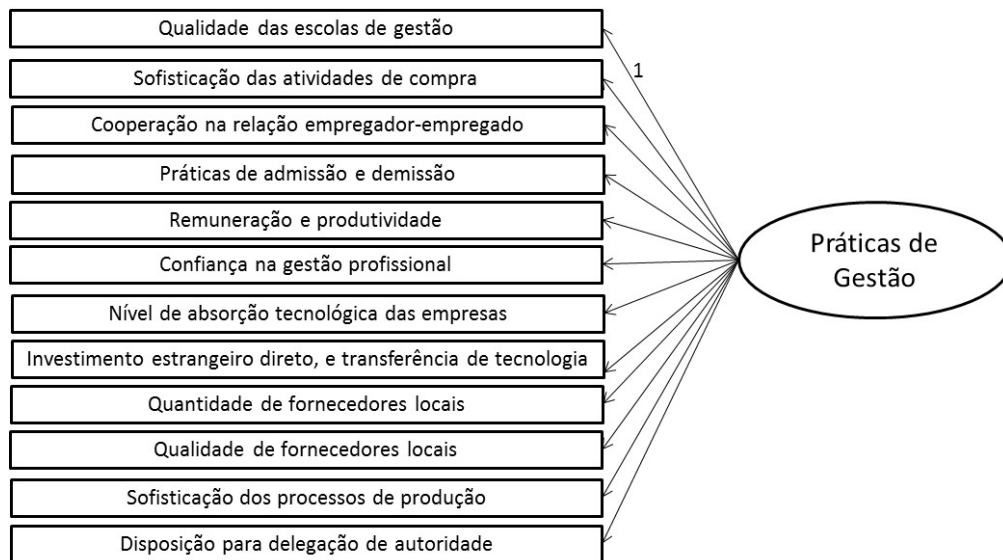
4. Apresentação, análise e discussão de resultados

Na análise fatorial confirmatória, a estimação do modelo de mensuração envolvendo a variável Práticas de Gestão foi feita pelo método da máxima verossimilhança (BYRNE, 2010; MARÔCO, 2014).

Para essa mesma variável, no que diz respeito à normalidade, estudos mostram que mesmo dados sem uma distribuição normal podem ser aceitáveis desde que as medidas de curtose (Ku) e assimetria (Sk) univariadas (de cada item) se aproximem de zero e não sejam superiores, em módulo, a 2 e 7, respectivamente (MARÔCO, 2014). Os resultados dos testes de normalidade univariada realizados, medida por meio dos parâmetros de assimetria (Sk) e curtose (Ku), indicaram que nenhuma das variáveis apresentou $|Sk| > 2$ e $|Ku| > 7$, não havendo, portanto, violação extrema da normalidade.

O modelo de mensuração (figura 2), após a avaliação dos pressupostos de normalidade, apresentou bons índices de qualidade de ajustamento, a saber: $\chi^2 = 89,797$ (gl=42), $p < 0,001$, NFI = 0,954, RFI = 0,928, IFI = 0,975, CFI = 0,975, RMSEA = 0,091 (BYRNE, 2010; MARÔCO, 2014). As correlações encontradas entre os itens da variável foram incorporadas ao modelo, melhorando seu fit, não comprometendo as análises realizadas (BYRNE, 2010).

Figura 2 – Modelo de mensuração



Fonte: Elaborado pelos autores

A avaliação do modelo de mensuração também foi feita pela análise das cargas fatoriais de cada item na variável Práticas de Gestão (validade fatorial), a confiabilidade composta (CR) e a variância média extraída (AVE - validade convergente), conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 2 – Práticas de Gestão – itens, cargas fatoriais, AVE (validade convergente) e CR (confiabilidade composta)

Construto	Item	Carga fatorial	AVE	CR
Práticas de Gestão	Qualidade das escolas de gestão	0.849	0.680	0.961
	Sofisticação das atividades de compra	0.834		
	Cooperação na relação empregador-empregado	0.730		
	Práticas de admissão e demissão	0.393		
	Remuneração e produtividade	0.850		
	Confiança na gestão profissional	0.907		
	Nível de absorção tecnológica das empresas	0.946		
	Investimento estrangeiro direto e transferência de tecnologia	0.821		
	Quantidade de fornecedores locais	0.687		
	Qualidade de fornecedores locais	0.919		
	Sofisticação dos processos de produção	0.947		
	Disposição para delegação de autoridade	0.851		

Fonte: Elaborado pelos autores

A avaliação da confiabilidade composta (CR) mostrou valor acima do recomendado ($\geq 0,7$), da mesma forma que o valor de variância média extraída (AVE) ficou acima do limite recomendado ($\geq 0,5$) (BYRNE, 2010; MARÔCO, 2014).

Os itens que compõem a variável Práticas de Gestão atenderam aos requisitos de validade fatorial, confiabilidade composta e validade convergente (BYRNE, 2010; MARÔCO, 2014), tornando-a válida para o estudo realizado.

Ainda para a variável Práticas de Gestão foi testado o efeito da variância do método comum

pela abordagem da correlação parcial, um método recomendado por Lindell e Whitney (2001) e usado em estudos como os desenvolvidos por Jarvenpaa e Majchrzak (2008) e os mencionados por Richardson, Simmering, e Sturman (2009). No presente estudo, esta abordagem indicou que não existe efeito da variância do método comum.

Com a variável latente testada, realizou-se a análise dos modelos que relacionam Inovação e Práticas de Gestão com Competitividade Global propostos com base na revisão de literatura. O modelo 1 tratava da relação Inovação e Competitividade Global, que mostrou-se positiva e significativa do primeiro para o segundo, corroborando a relação consolidada na literatura (NELSON; WINTER, 1982; PAVITT, 1984; PORTER, 1990; ROSENBERG, 1982; SCHUMPETER, 1934) e confirmando a hipótese 1. O coeficiente de regressão padronizado ($\beta = 0,851$, $p < 0,001$) e o coeficiente de determinação ($R^2 = 0,724$) obtidos demonstraram esse alinhamento.

O modelo 2 apresentou bons índices de qualidade de ajustamento ($\chi^2 = 131,975(53)$, $p < 0,001$, NFI = 0,943, RFI = 0,916, IFI = 0,965, CFI = 0,965, RMSEA = 0,104) (BYRNE, 2010; MARÔCO, 2014). O coeficiente de regressão padronizado ($\beta = 0,959$, $p < 0,001$) e o coeficiente de determinação ($R^2 = 0,919$) corroboraram Bloom e Van Reenen (2006, 2007) quanto à relação entre práticas de gestão e competitividade, confirmando a hipótese 2.

Como ponto final da análise de resultados tem-se que a inovação não é a única explicação no que se refere ao aumento de competitividade de uma nação. Os estudos de Bloom e Van Reenen (2006, 2007, 2010) enfatizam a importância de se adotar boas práticas de gestão a fim de se elevar os níveis de produtividade e consequentemente, a competitividade das firmas, como validado pela hipótese 2. Dessa forma, o elemento gestão se apresenta como uma variável que ajuda a explicar a razão de determinadas empresas obterem melhores resultados em comparação a outras. Uma vez que as empresas estão situadas em determinados territórios, isso também explica a predominância econômica de alguns países sobre outros, corroborando Porter (1993), que menciona que não são os países não que são poderosos, e sim as empresas neles situadas.

Conclusões

Diversos estudos associam positivamente a atividade inovadora com o aumento de competitividade de empresas e nações (NELSON; WINTER, 1982; PAVITT, 1984; PORTER, 1990; ROSENBERG, 1982; SCHUMPETER, 1934). Além disso, outros estudos (AGARWAL et al., 2014; BLOOM; VAN REENEN, 2010; MUNDLAK, 1961), observam que em determinados países, o investimento em inovação e seus resultados em aumento de produtividade não são notados. Dessa forma, sugerem outra explicação para essas variações, sendo elas reflexos de boas práticas de gestão.

O presente estudo teve como objetivo medir a relação entre boas práticas de gestão e competitividade, usando-se para tanto a modelagem de equações estruturais, e tendo-se como base o relatório The Global Competitiveness Report (GCR) 2016-2017 (SCHWAB et al., 2016).

Muito trabalhos tratam da relação direta entre inovação e competitividade, consagrada na literatura (NELSON; WINTER, 1982; PAVITT, 1984; PORTER, 1990; ROSENBERG, 1982; SCHUMPETER, 1934), porém sem considerar uma relação quantitativa determinada empiricamente entre esses dois fatores. Com as análises realizadas foi possível mostrar que tal relação é positiva e significativa, sendo que mais de 70% da competitividade pode ser explicada pela inovação ($R^2 = 0,724$). Dessa forma, este estudo avançou em representar estatisticamente uma relação tão consagrada na literatura, porém limitada a aspectos qualitativos. Assim sendo, essa relação fica fortalecida ao ganhar um caráter quantitativo.

Complementarmente, também fica claro o papel das práticas de gestão como elemento influenciador da competitividade das nações uma vez que há uma relação positiva e significativa entre elas, sendo que mais de 90% da competitividade pode ser explicada pelas práticas de gestão ($R^2 = 0,919$).

Assim, um segundo ponto de avanço deste estudo reside em evidenciar a importância das práticas de gestão para sustentar a vantagem competitiva de empresas e países. Neste sentido, avançou-se com a proposta originalmente realizada por Bloom e Van Reenen (2006, 2007, 2010), e ainda pouco explorada, relacionando empiricamente práticas de gestão com Competitividade.

O estudo também mostra como alguns itens da variável práticas de gestão podem e devem

ser trabalhados pelas empresas no sentido de contribuir para incrementar as práticas de gestão e, conseqüentemente, melhorar a ação sobre Competitividade. Os achados deste trabalho indicam não fazer mais sentido analisar o fenômeno da competitividade apenas sob o olhar da inovação, devendo-se incluir nessa análise a lente das boas práticas de gestão.

Por fim, falando das limitações do trabalho, o desenvolvimento da variável Práticas de Gestão contou com indicadores presentes no GCR, que podem não conter a totalidade dos aspectos que a caracterizam, representando oportunidades para estudos futuros que aprofundem o tema. Além disso, sugere-se também que as variáveis desse estudo (Inovação, Práticas de Gestão e Competitividade) componham um único modelo estrutural.

Referências

ABRAMOVITZ, M. **Inventories and business cycles**. New York: National Bureau of Economic Research, 1950.

AGARWAL, R. et al. **Management practices of Australian manufacturing firms: why are some firms more innovative?** International Journal of Production Research, v. 52, n. 21, p. 6496–6517, 2 nov. 2014.

ALEXOPOULOS, M.; TOMBE, T. **Management matters**. Toronto: [s.n.].

ARMSTRONG, C. E.; LENGNICK-HALL, C. A. **The Pandora's box of social integration mechanisms**. Journal of Strategy and Management, v. 6, n. 1, p. 4–26, 15 fev. 2013.

BAE, C. **R&D Spillovers with Endogenous Absorptive Capacity: Lessons for Developing Countries**. East Asian Economic Review (EAER), v. 20, n. 2, p. 191–228, 2016.

BENTLER, P. M.; CHOU, C. **Practical issues in structural modeling**. Sociological Methods & Research, v. 16, n. 1, p. 78–117, 1987.

BERTRAND, O.; MOL, M. J. **The antecedents and innovation effects of domestic and offshore R&D outsourcing: The contingent impact of cognitive distance and absorptive capacity**. Strategic Management Journal, v. 34, n. 6, p. 751–760, 2013.

BLOMSTROM, M. **Foreign Investment and Productive Efficiency: The Case of Mexico**. The Journal of Industrial Economics, v. 35, n. 1, p. 97–110, set. 1986.

BLOMSTROM, M.; KOKKO, A. **Multinational Corporations and Spillovers**. Journal of Economic Surveys, v. 12, n. 3, p. 247–277, jul. 1998.

BLOOM, N.; VAN REENEN, J. **Measuring and Explaining Management Practices Across Firms and Countries**. London: [s.n.].

BLOOM, N.; VAN REENEN, J. **Measuring and Explaining Management Practices Across Firms and Countries**. The Quarterly Journal of Economics, v. 122, n. 4, p. 1351–1408, 1 nov. 2007.

BLOOM, N.; VAN REENEN, J. **Why Do Management Practices Differ across Firms and Countries?** The Journal of Economic Perspectives, v. 24, n. 1, p. 203–224, 2010.

BRETTEL, M.; GREVE, G. I.; FLATTEN, T. C. **Giving up Linearity: Absorptive Capacity and Performance**. Journal of Managerial Issues, v. 223, n. 2, p. 164–189, 2011.

BYRNE, B. M. **Structural Equation Modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming**. 2. ed. New York: Routledge, 2010.

CARVALHO, L.; AVELLAR, A. P. **Inovação e Produtividade: Evidências Empíricas para Empresas Brasileiras**. 410 Encontro Nacional de Economia - ANPEC. Anais...Foz do Iguaçu: 2013

CAVALCANTE, L. R.; DE NEGRI, F. **Produtividade no Brasil: Uma análise do período recente**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2014.

CHANDLER, A. D.; HIKINO, T. **Scale and scope : the dynamics of industrial capitalism**. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1994.

COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. **Absorptive-Capacity – A new Perspective on Learning and Innovation**. *Administrative Science Quarterly*, v. 35, n. 1, p. 128–152, mar. 1990.

CROSSAN, M. M.; APAYDIN, M. **A Multi-Dimensional Framework of Organizational Innovation: A Systematic Review of the Literature**. *Journal of Management Studies*, v. 47, n. 6, p. 1154–1191, set. 2010.

CUA, K. O.; MCKONE, K. E.; SCHROEDER, R. G. **Relationships between implementation of TQM , JIT , and TPM and manufacturing performance**. *Journal of Operations Management*, v. 19, n. 6, p. 675–694, 2001.

DE CERIO, J. M. **Quality management practices and operational performance: Empirical evidence for Spanish industry**. *International Journal of Production Research*, v. 41, n. 12, p. 2763–2786, 1 jan. 2003.

DUTTA, S.; LANVIN, B.; WUNSCH-VINCENT, S. **The Global Innovation Index 2016**. Geneva: World Intellectual Property Organization, 2016.

GOEDHUYS, M. **The impact of innovation activities on productivity and firm growth: Evidence from Brazil**. Maastricht: [s.n.].

GORDON, R. J. **The rise and fall of American growth : the U.S. standard of living since the Civil War**. Oxford: Princeton University Press, 2016.

GRILICHES, Z. **Issues in Assessing the Contribution of Research and Development to Productivity Growth**. *The Bell Journal of Economics*, v. 10, n. 1, p. 92–116, 1979.

HA, S. Y.; LEE, G. H.; KIM, B. S. **Strategies For Manufacturing Servitization Of Korean SMEs By Using Data Envelopment Analysis**. *Journal of Applied Business Research*, v. 32, n. 2, p. 635–646, 2016.

HSU, C.-C. et al. **Supply chain management practices as a mediator of the relationship between operations capability and firm performance**. *International Journal of Production Research*, v. 47, n. 3, p. 835–855, 1 fev. 2009.

ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Knowledge Creation and Management: New Challenges for Managers**. New York: Oxford University Press, 2007.

JARVENPAA, S. L.; MAJCHRZAK, A. **Knowledge Collaboration Among Professionals Protecting National Security: Role of Transactive Memories in Ego-Centered Knowledge Networks**. *Organization Science*, v. 19, n. 2, p. 260–276, 2008.

LANDES, D. S. (DAVID S. **The unbound Prometheus : technical change and industrial development in Western Europe from 1750 to the present**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2003.

LEDERMAN, D. et al. **Latin American Entrepreneurs: Many Firms but Little Innovation**. Washington

DC: The World Bank, 2014.

LERNER, J.; AZOULAY, P. **Technological Innovation and organizations**. In: GIBBONS, R.; ROBERTS, J. (Eds.). . Handbook of Organizational Economics. Princeton: Princeton University Press, 2012. p. 575–603.

LINDELL, M. K.; WHITNEY, D. J. **Accounting for Common Method Variance in Cross-Selectional Research Designs**. Journal of Applied Psychology, v. 86, n. 1, p. 114–121, 2001.

LIU, Z. **Foreign direct investment and technology spillovers: Theory and evidence**. Journal of Development Economics, v. 85, n. 1–2, p. 176–193, 2008.

MAIRESSE, J.; ROBIN, S. **Innovation and productivity: a firm-level analysis for French Manufacturing and Services using CIS3 and CIS4 data**. Conference in Honour of Prof. David Encaoua. Anais...Paris: Paris School of Economics, 2009

MALONEY, W. F.; SARRIAS, M. **What Makes Latin American Managers So Bad ?** Washington, D.C.: [s.n.].

MARÔCO, J. **Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações**. 2. ed. Pêro Pinheiro: ReportNumber, 2014.

MAZZUCATO, M. **The entrepreneurial state : debunking public vs. private sector myths**. London: Anthem Press, 2015.

MUNDLAK, Y. **Empirical Production Function Free of Management Bias**. Journal of Farm Economics, v. 43, n. 1, p. 44–56, fev. 1961.

NAJAFI-TAVANI, S.; SHARIFI, H.; S. ISMAIL, H. **A study of contingency relationships between supplier involvement, absorptive capacity and agile product innovation**. International Journal of Operations & Production Management, v. 34, n. 1, p. 65–92, 20 dez. 2014.

NELSON, R. R.; WINTER, S. G. **An Evolutionary Theory of Economic Change**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1982.

PANAYIDES, P. **Enhancing innovation capability through relationship management and implications for performance**. European Journal of Innovation Management, v. 9, n. 4, p. 466–483, out. 2006.

PARISI, M. L.; SCHIANTARELLI, F.; SEMBENELLI, A. **Productivity, innovation and R&D: Micro evidence for Italy**. European Economic Review, v. 50, n. 8, p. 2037–2061, 2006.

PAVITT, K. **Sectoral patterns of technical change: Towards a taxonomy and a theory**. Research Policy, v. 13, n. 6, p. 343–373, 1984.

PORTER, M. **The Competitive Advantage of Nations**. New York: Free Press, 1990.

RAO, S. S.; SOLIS, L. L. E.; RAGHUNATHAN, T. S. **A framework for international quality management research: development and validation of a measurement instrument**. Total Quality Management, v. 10, n. 7, p. 1047–1075, 1999.

RICHARDSON, H. A.; SIMMERING, M. J.; STURMAN, M. C. **A Tale of Three Perspectives : Examining Post Hoc Statistical Techniques for Detection and Corrections of Common Method Variance**. Organizational Methods, v. 12, n. 4, p. 762–200, 2009.

RITALA, P.; HURMELINNA-LAUKKANEN, P. **Incremental and Radical Innovation in Coopetition-The Role of Absorptive Capacity and Appropriability.** *Journal of Product Innovation Management*, v. 30, n. 1, p. 154–169, jan. 2013.

ROGERS, M. **R&D and Productivity in the UK: evidence from firm-level data in the 1990s.** Oxford: [s.n.].

ROSENBERG, N. **Inside the Black Box: Technology and Economics.** Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1982.

SADIKOGLU, E.; ZEHIR, C. **Investigating the effects of innovation and employee performance on the relationship between total quality management practices and firm performance: An empirical study of Turkish firms.** *International Journal of Production Economics*, v. 127, n. 1, p. 13–26, 2010.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle.** Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SCHWAB, K. et al. **The Global Competitiveness Report 2016 - 2017.** Geneva: World Economic Forum, 2016.

SOLOW, R. M. **A Contribution to the Theory of Economic Growth.** *The Quarterly Journal of Economics*, v. 70, n. 1, p. 65–94, fev. 1956.

STEINGRABER, R. **Inovação e produtividade: o papel dos sistemas de inovação para a indústria brasileira.** [s.l.] Universidade Federal do Paraná, 2009.

SUYANTO; BLOCH, H.; SALIM, R. A. **Foreign Direct Investment Spillovers and Productivity Growth in Indonesian Garment and Electronics Manufacturing.** *The Journal of Development Studies*, v. 48, n. 10, p. 1397–1411, 1 out. 2012.

SUYANTO; SALIM, R. **Foreign direct investment spillovers and technical efficiency in the Indonesian pharmaceutical sector: firm level evidence.** *Applied Economics*, v. 45, n. 3, p. 383–395, 1 jan. 2013.

WAKELIN, K. **Productivity growth and R&D expenditure in UK manufacturing firms.** Nottingham: [s.n.].

ZAHRA, S. A.; GEORGE, G. **Absorptive Capacity: A Review, Reconceptualization, and Extension.** *Academy of Management Review*, v. 27, n. 2, p. 165–203, 2002.

ZHANG, R. et al. **Productivity in China's high technology industry: Regional heterogeneity and R&D.** *Technological Forecasting and Social Change*, v. 79, n. 1, p. 127–141, 2011.

Recebido em 26 de março de 2019.

Aceito em 16 de agosto de 2019.